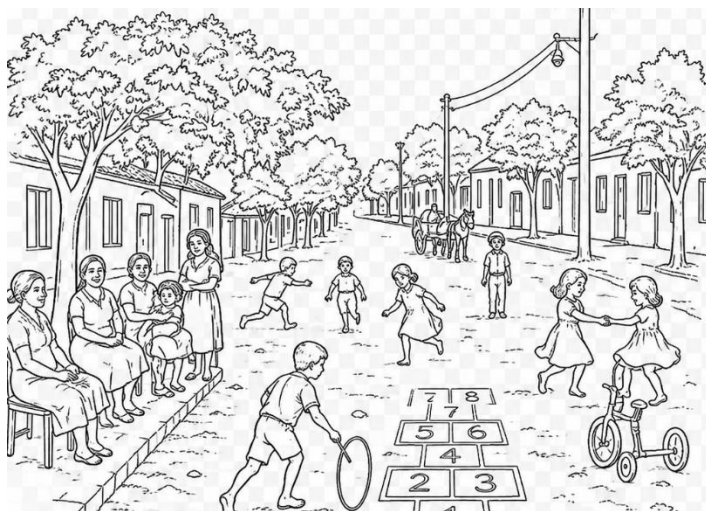


ERA ASSIM!



Ave Maria, conversas e brinquedos

Fim de tarde: cadeiras na calçada ...

A primeira comunhão

O jejum, o medo, a foto

Dona Antônia e o Sheik

As lavadeiras e suas trouxas: cena comum

Sexta-feira Santa

Ninguém conversa, ninguém faz nada

Ivone, a feiticeira dos vestidos

Até na Fenit a modista de Ourinhos estava

A cerimônia do velório

Um folheto avisava a cidade inteira

Morrer era coisa séria

Suicídio não tinha direito a padre

Nhá Rita

A criação de porcos para sobreviver

O Caminho do cemitério

Até a cachorrada da rua parava de latir



Ave Maria, conversas e brinquedos

Cidinha Teixeira de Freitas

- São seis horas! Ave Maria!

Era logo depois da revoada das andorinhas. A voz era do então jovem Luciano Correia da Silva anunciando a hora do Angelus pelo serviço de alto-falantes. Chegava na avenida, entre Gaspar Ricardo e Goiás. Bem que se dizia que o alto-falante era a “maior potência amplificadora do interior”.

Depois de alguns sinais da cruz ou algumas Ave-Marias, já era hora da janta. A cidade jantava cedo. Aos poucos, as mães iam levando suas cadeiras para a calçada da Jacinto Sá. Falavam de tudo: da moça que fugiu, do pão da padaria, da professora que bateu no aluno, enquanto ouviam o alto-falante, com seus tangos, boleros e modas de viola. Claro que não havia TV. Mas já havia, para algumas, a novela das oito, na Rádio Nacional do Rio.

Para as crianças, era diferente.

Quase nunca passava carro. De vez em quando, o pocotó de uma charrete.





Então, a rua se transformava em Pega ladrão, Seu lobo não vem, Amarelinha, Passa anel, Queimada. Não tinha pobre nem rico e, quando um ou outro aparecia de patinete ou bicicletinha de três rodas, toda a criançada também dava uma volta. Tinha hora que paravam com o bilboquê ou o jogo de saquinhos para ir roubar umas flores na linda casa do seu Galileu e deixar a dona Rosa bem brava.

Até que, de repente, acabava tudo: a sirene dos Migliari avisava: eram 10 horas. Todo mundo prá casa.

O Jardim, arborizado, era o lar de milhares de andorinhas. No subsolo do coreto, o locutor trabalhava e recebia os pedidos de música. Até que, em 1958, o prefeito resolveu fazer reformas. O Jardim virou praça. Acabou com os bancos, acabou com as árvores e as andorinhas. O estúdio do alto falante foi para os fundos do Café Paulista, onde ninguém aparecia para oferecer músicas.





A primeira comunhão

Ana Lúcia Chiaradia

Ourinhos, sempre Ourinhos.

Foi onde, criancinha, tomava o sol da manhã dentro de um caixote, onde brinquei de boneca com a Norma Abuhamad, onde frequentei o Grupinho e já rezava e assistia missa na Igreja velha, onde fiz minha primeira comunhão.

Para cada evento desses poderia contar uma história... estão bem no fundo do meu coração.

Eu me lembro que fiz a primeira comunhão num domingo. E chovia muito. Depois da missa, uma mesa preparada pelas mães, pois estávamos em jejum.

Não sei como está hoje essa história de primeira comunhão. Mas, naquele tempo, a gente tinha que confessar na véspera. Não podia comer nada depois do jantar. Era jejum completo.

Até escovar os dentes de manhã era proibido, segundo a irmã Benigna.

Vestido branco comprido, arremedo de noiva.

Depois, hora da hóstia pela mão do Paduardo.

Não podia mastigar a hóstia. Meu Deus, que agonia nessa hora. Se mordesse escorreria sangue...





Terminada a missa, a irmã Benigna nos organizava numa fila. Terminada a pompa, os doces e refrescos. E muita brincadeira.

Acabou? Não, não acabou!

À tarde, na igreja novamente, vestida de noiva com véu e grinalda.

E que pé d'água! Não adiantou de nada os papelotes que minha irmã fez me querendo bonita!

Tudo para aquela foto do alemão fotógrafo, ajoelhada naquele negócio de ajoelhar.





As lavadeiras equilibrando na cabeça trouxas de roupa eram uma cena comum em Ourinhos. Não existia máquina de lavar roupa. Aquele calor exigia, no mínimo, uma troca completa de roupa por dia. As famílias eram numerosas. Isso garantia o mercado de trabalho para as lavadeiras, que usavam seu próprio tanque e seu próprio sabão.

Dona Antônia e o Sheik

Lisandre Castello Branco

Não chegava a ser um elefante num pires, mas o quintal era minúsculo. E com um cachorro era impossível lavar roupas em casa.

Minha mãe dava aulas na Vila Margarida e lá conheceu dona Antônia, lavadeira. Ela vinha com uma trouxa na cabeça, outra na mão e na outra mão cabides e um guarda-chuva respeitável. Entregava e buscava roupas na mesma pernada entremeada por conferência do rol da entrega e o fazimento do novo, pra semana.

Sheik, o pastor alemão, odiava dona Antônia com fúria. Ela falava alto, ria mais alto ainda e retribuía generosamente o ódio ao cão. Ela confiava no portão fechado para sua segurança.

Mas, um dia, sempre acontece, ela veio mais cedo. Estávamos todas lá fora - mãe e filhas - e o Sheik nos acompanhava solto.





Mal dona Antônio virou à esquerda na Rio de Janeiro, Sheik a reconheceu e partiu a toda velocidade.

Ela vinha paramentada como sempre e vestida à moda "impecável lavadeira", toda de branco, engomada e passada. Não houve berro que parasse o Sheik. Ela também o viu e o medo falou alto: trouxas jogadas e desmanteladas, cabides largados e o guarda-chuva empunhado. Chegamos quase juntas ao ataque/defesa.

Resultado: muito barulho e estardalhaço por nada. Apenas uma senhora lavadeira branca de susto, sujíssima (Ourinhos!!!), roupas espalhadas e um guarda-chuva, combatente valente, destruído.

E minha mãe furiosa conosco porque quase ficou sem a preciosa dona Antônio.

Depois dos cuidados com dona Antônio, vieram os vizinhos. Curiosos, solidários, alguns só preocupados com o Sheik. Por fim, muitas risadas com o espetáculo das trouxas voando e Antônio aos berros.





Sexta-feira Santa

Ana Lúcia Chiaradia

A Sexta-feira Santa era levada muito a sério.

Na Igreja Velha do Padre Eduardo as imagens acordavam embrulhadas num pano roxo. Todas elas! Aprendi que era assim para que a gente não se distraísse do propósito daquele dia: ficar concentrada no martírio de Cristo. Só podia pensar na Paixão de Cristo.

Para mim, era o contrário: não largava mão de olhar para o tétrico que era tudo aquilo. Não via a hora de que tudo acabasse para que a igreja voltasse a ser florida e com suas imagens coloridas.

Em casa, a mesma coisa.

Tínhamos um quadro de Cristo na sala de jantar e ele era coberto, só que de branco.

Começava o dia no maior silêncio.

A gente mal se falava. Não se tomava café da manhã e eu não entendia o porquê. O almoço já estava feito, de véspera. Não se varria a casa.

E eu não saía para brincar. Saía só para ir à igreja. Não podia nem ficar doente.





Ninguém tomava banho, os homens não faziam a barba.

Era proibido ouvir música. Mas se você ligasse o rádio, só ia ouvir música sacra.

Pensando agora em tudo isso, vejo que era um dia pesadíssimo.

Hoje, para mim, não é mais assim.

Como será que as coisas estão agora nas pequenas cidades?





Ivone, a feiticeira dos vestidos

Ana Lúcia Chiaradia

O verão entorpecia naquele fevereiro em que eu completaria 18 anos, ia ser maior de idade. A festa seria de arromba! O vestido?

Da Caprichosa, lógico.

A Caprichosa ficava na Barra Funda. Era um dos poucos motivos que levavam a nata da sociedade a atravessar a linha do trem.

A Ivone, da Caprichosa, era filha do casal dona Rosa e seu Abdo, donos da loja. Era lá que a Ivone mostrava toda a sua genialidade com as agulhas.

Os vestidos chegavam impecáveis, sem atrasos e prontos para serem usados. Nunca ouvi falar de atrasos ou queixas. Vestiu as noivas, as madrinhas, as debutantes, as aniversariantes. Nunca houve vestido igual vendido para duas pessoas.

Sua fama correu mundo e foi convidada para expor na Fenit, o que fez com muito sucesso. Como foi, também, um sucesso, o vestido dos meus 18 anos.





A cerimônia do velório

Ana Lúcia Chiaradia

A pessoa morria, a notícia corria em alta velocidade. A morte era comprovada por um folheto pequeno, com uma dobra, com uma cruz na capa. Dentro, o nome do falecido, hora e endereço do velório, hora do enterro. Era distribuído de porta em porta.

Esse folhetinho meu tio Silvano tinha pronto lá na tipografia a Cidade Ourinhos.

O velório só começava depois que o defunto estivesse “pronto”. Nunca entendi essa história de precisar dar banho no morto. Escolhiam a melhor roupa. O corpo ia para o caixão e o caixão ia para a sala da casa. Não havia velórios como hoje.

O caixão colocado em cima da mesa de jantar, as cadeiras em volta. As mulheres de preto, os homens com gravata preta e uma tarja preta na lapela.

Durava a noite inteira e diziam que tinha cafezinho e bolinho, mas nunca vi.

Criança tinha que dormir cedo.





Morrer era coisa séria

Ana Lúcia Chiaradia

Desde pequeninha, eu lembro, se morria alguém, a gente grande, se falava do falecido era em voz baixa, abaixavam a cabeça, faziam o sinal da cruz.

Era assunto proibido para as crianças e eu morria de medo. À medida que fui crescendo já me permitiam participar da dor geral e dos rituais. O velho câncer, que minha mãe chamava de “aquela doença”, era uma causa comum.

Até que apareceu outra causa, que me horrorizou: a vizinha cometeu suicídio. Brigou com o namorado e se matou. Que medo! E era uma vizinha bem próxima, a gente tinha que ir.

Foi quando ouvi que quem se mata não tem direito a padre, missa, igreja: vai direto pro inferno.

Só se salvava se, no último minuto, quando a morte já era irreversível, se arrependesse.

Nesse suicídio, pelo menos, apareceu alguém garantindo que ela tinha se arrependido.





Nhá Rita

Ana Lúcia Chiaradia

Quando eu ainda morava na 9 de Julho, tinha uma figura que sempre passava em casa para “pegar lavagem”. Explico: lavagem é resto de comida.

A gente colocava as sobras de comida numa lata de óleo (de 5 litros?) e ela passava para pegar os restos que iam alimentar seus porcos.

Chamava-se Nhá Rita...

Acho que passava em dias marcados.

Mais tarde, fiquei sabendo que se mantinha assim. Matava e vendia o porquinho na hora certa.

Quando estávamos às vésperas do Natal, ela levava uma parte de um porquinho para nós, em agradecimento.

Era uma festa, em casa.

Menos para mim...

Nunca consegui comer o bichinho...

De repente, a Nhá Rita sumiu da minha história.





O caminho do cemitério

Ana Lúcia Chiaradia

Quando chegava a hora, o caixão com o corpo do falecido era levado para a Igreja. A Igreja nova já estava em construção. Então, a velha Matriz já era chamada de Igreja velha.

O caixão ficava em cavaletes, entre as duas fileiras de bancos.

O padre e seus coroinhas encomendavam a alma, rezavam todos, parentes e presentes, pedindo que a alma do falecido fosse para o céu.

E saía o cortejo. Eu achava lindo e comovente.

O padre ia na frente. O coroinha, logo atrás, batia a matraca de madeira. Sino ou som metálico era proibido no meio da tristeza.

Parentes e amigos carregavam o caixão e iam se revezando. As crianças mais crescidinhas levavam flores, acompanhando o caixão.

Na rua, todos paravam. Os homens tiravam o chapéu, as mulheres faziam o sinal da cruz, o comércio baixava as portas de ferro. Parece que até os passarinhos se calavam e a cachorrada da rua parava de latir.

No cemitério, cova aberta, coveiros cheirando suor e cachaça desciam o caixão naquele buraco.





Usavam umas cordas grossas, sujas e bem velhas, que me davam enjoo.

Vinha a última reza do padre, as flores jogadas na cova e a terra vermelha ia cobrindo tudo.

E se dispersavam, sem conversas, sem dizer que iam para casa tomar um banho. Era assim que mandava a superstição como primeira coisa a se fazer depois de uma visita a um cemitério: tomar um banho.

